

A viagem da Princesa Isabel a Porto Alegre em 1885: a questão de gênero na imprensa escrita e a representação do gaúcho sob o olhar da princesa

Francine Castoldi Medeiros

RESUMO

A viagem da Princesa Isabel a Porto Alegre, em 1885, relatada em seu diário, proporciona uma possibilidade de análise sob a perspectiva da Nova História Cultural. Utilizando-se, além do diário, dois jornais da época, foi possível investigar questões de gênero. A Princesa Isabel era herdeira do trono brasileiro e, segundo a sociedade da época, tinha que exercer funções definidas como masculinas no ambiente público, além das funções exigidas a uma mãe de família no ambiente privado. No seu diário, encontramos uma representação do gaúcho. Ao relatar fatos e costumes, percebemos sua análise daquilo que é diferente do seu cotidiano. Sua estada nos interessa pelas várias maneiras de analisá-la.

Palavras-chave: Gênero. Representação. Gaúcho.

Princess Isabel's trip to Porto Alegre in 1885: The issue of gender in written press and the representation of the *gaúcho* under her gaze. Some considerations about Patrimony Education and the process in Gramado and Canela municipalities

ABSTRACT

The journal entries Princess Isabel recorded during her trip to Porto Alegre in 1885 lend themselves to the analysis of relevant issues under the perspective of New Cultural History. Her journal and two periodicals of the time enable the investigation of questions of gender. Princess Isabel, the heir to the Brazilian throne, was expected to stand up not only to functions in the public sphere defined as masculine by the society of the time, but also to those demanded from a mother and family holder in the private sphere. In her journal there is a representation of the “gaúcho”, for on reporting facts and customs observed, she analyses what she deems unfamiliar. Her visit to Porto Alegre lends itself to several analytical approaches.

Keywords: Gender. Representation. Gaúcho.

A Princesa Isabel esteve em visita ao Rio Grande do Sul de janeiro a março de 1885, passando um pouco mais de um mês na capital da província, Porto Alegre. Nessa ocasião ficou hospedada na sede do governo, onde atualmente fica o Palácio Piratini.

Francine Castoldi Medeiros é especialista em História pela ULBRA. Professora de História e supervisora da rede municipal de São Leopoldo. Endereço: Setor 5, Quadra X, nº 17, Guajuviras, Canoas/RS. Fones: (51) 3468.5098 e (51) 8131.5130. E-mail: francine.castoldi@ibest.com.br

Textura	Canoas	n.18	p.40-55	jul./dez. 2008
---------	--------	------	---------	----------------

Esteve visitando ambientes como a antiga Catedral, a Santa Casa, o Teatro São Pedro, o Mercado Público, a Escola Militar e o Hospital de Alienados São Pedro, ainda em fase de construção, além de ter feito excursões a fábricas e cidades próximas de Porto Alegre. Após a sua visita à capital gaúcha, partiu para Pelotas, ficando mais alguns dias, até voltar definitivamente à Corte no início de março. Toda a sua viagem à Província teve uma grande cobertura da imprensa local, principalmente por parte de dois jornais de maior circulação na época: o *Jornal do Commercio* e *A Federação*. De sua viagem à região sul do Brasil também resultou um diário escrito por Dona Isabel, baseado em cartas endereçadas aos seus pais.

Com o estudo da primeira viagem ao sul do país pela Princesa Isabel, figura que representava o Império brasileiro, abre-se um leque de possibilidades de análises. Ela era uma mulher da elite do século XIX, uma viajante que pela primeira vez visitava esta região e escrevia suas impressões em um diário. E também foi possível analisar como sua estada foi tratada pela imprensa escrita de Porto Alegre. Nas reportagens acerca da visita da Família Imperial, podem-se perceber as representações de gênero que a imprensa escrita fazia sobre a princesa. Já no diário escrito por ela, percebe-se a representação que fez da região e dos gaúchos, até então desconhecido aos seus olhos.

Dona Isabel, além de ser mulher, esposa, mãe, era a herdeira do trono brasileiro. Esta visita fez parte de um roteiro de viagens programado para o seu marido, o Conde d'Eu, às províncias sulistas, para aumentar o seu prestígio junto aos brasileiros.

Os dois jornais analisados eram comandados e escritos por homens, e faziam oposição política um ao outro. O *Jornal do Commercio* circulou na cidade de 1864 a 1911, de terças a domingos, com diversas interrupções na sua trajetória. Tinha sua linha editorial ligada ao Partido Liberal e publicava notícias de caráter comercial, literário, abolicionista e político. Já *A Federação* circulou de 1884 a 1937, de segunda-feira a sábado. Era um jornal voltado para questões políticas, tendo como um de seus objetivos servir de porta-voz oficial do Partido Republicano Rio-Grandense. Também abordava assuntos referentes ao comércio, à economia, arte, literatura e esporte.

Herdeira do Império brasileiro, conhecida até hoje pelo ato da abolição da escravidão no Brasil, a Princesa Isabel foi criada e educada (como a maioria das mulheres da elite brasileira da época) para ser uma boa filha, esposa, mãe, devendo ser submissa às vontades masculinas. Mas também não deixou de figurar em sua educação o básico necessário para um governante, pois ela iria se tornar a futura imperatriz do Brasil, já que seus irmãos homens faleceram ainda crianças. Porém suas obrigações logo foram sendo divididas entre os seus compromissos particulares e os seus compromissos públicos. Como defende Roderick Barman na biografia *Princesa Isabel do Brasil*:

As expectativas de subordinação e dependência femininas explicam por que mulheres entre as quais D. Isabel, enfrentaram tamanhos obstáculos quando tentaram (e, de fato tentaram) modificar os padrões vigentes, assegurar autonomia e exercer agência. (BARMAN, 2005, p.34)

O Brasil de 1885 encontrava-se em um período complicado para o regime monárquico, devido a sucessivas crises que vinham assolando o governo, tais como a intensificação do Movimento Abolicionista espalhado pelo país. Também, no período, soma-se a fundação do Partido Republicano em várias províncias. Em alguns lugares, como no Rio Grande do Sul, foi declarada a abolição da escravidão mediante pagamento com trabalho de seus custos já no ano de 1884, e o Partido Republicano estava ganhando mais adeptos. O sistema oligárquico das grandes fazendas cafejeiras, no qual o império estava apoiado, cada vez foi se afastando mais do governo, que não conseguia defender muitos de seus interesses. O Imperador não tinha mais disposição para manter o Império. A Monarquia tentava sustentar a sua hegemonia, através da figura de Princesa Isabel.

O Conde d'Eu, sendo um estrangeiro, nunca fora plenamente aceito como esposo da futura herdeira do Império. Existia certo receio da população em ser governada por alguém que não era brasileiro (SCHWARCZ, 1998, p.432). Sua imagem ficou ainda pior após a mal-sucedida campanha militar no início da Guerra do Paraguai, quando atuou como comandante do exército brasileiro. Nesta função vacilou em algumas decisões, sendo afastado devido a uma crise nervosa. Quando o Imperador D. Pedro II o chamou para novamente assumir o comando, a própria Princesa escreveu ao pai pedindo para o marido não ir devido a problemas de saúde. A esposa, tomando decisões pelo marido, prejudicou ainda mais a imagem do Conde, colocando à prova a condição que se esperava de um homem, algo extremamente importante em uma sociedade masculina com fortes traços da herança portuguesa. Como escreve Quintaneiro “[...] os direitos morais do homem branco e proprietário sobre sua família e seus escravos eram quase irrestritos, não conhecendo limites sequer nos votos religiosos” (QUINTANEIRO, 1995, p.61).

A princesa e os filhos acompanharam o Conde em sua viagem, sendo São Paulo a primeira província visitada. Vale lembrar que foi a primeira vez que a Princesa Isabel foi a essas regiões do Brasil, descobrindo locais e costumes até então desconhecidos a ela. Já aqui na província sulista, esteve acompanhada de seus filhos a maior parte do tempo, pois seu marido foi a cidades como São Gabriel e Santa Maria, para inspecionar tropas do exército e realizar alguns exercícios de guerra na região. A Princesa permaneceu na capital 33 dias, do dia 02 de janeiro ao dia 05 de fevereiro, partindo para Pelotas, onde permaneceu até o dia 03 de março, indo em definitivo de volta à corte.

A província rio-grandense, nesse período, ainda tem sua economia básica na pecuária das charqueadas, reclamando do centralismo do poder imperial e no favorecimento do café na economia brasileira. É também nesse momento, com a fixação dos imigrantes europeus, que a província rumo para a agricultura e inicia um pequeno processo de industrialização, principalmente nas zonas coloniais. Sua importância como um local estratégico de defesa da fronteira brasileira já era reconhecida na época, dispondo do maior contingente militar do país (PESAVENTO, 1990).

A cidade de Porto Alegre, em 1885, era uma local em desenvolvimento. Após a Revolução Farroupilha, a localidade pacata passou a ser, além do centro administrativo da província, um centro econômico, político e cultural. Ao poucos a cidade teve que ir se espalhando em torno do centro; estradas foram abertas e moradias e fábricas foram se

instalando. Grandes edifícios foram sendo construídos ou reformados. O chamado Caminho Novo – atual rua Voluntários da Pátria – era o principal acesso dos produtos coloniais, o que fez com que muitos imigrantes instalassem ali as suas fábricas e pequenas indústrias.

Após a Guerra do Paraguai, a cidade foi ganhando ainda mais destaque com a intensificação da urbanização. Na rua dos Andradas, a partir de 1885, iniciou-se a substituição do calçamento com pedras irregulares por paralelepípedos e, na praça que atualmente se chama Marechal Deodoro, foi erigido o primeiro monumento público da capital em homenagem ao Conde de Porto Alegre (inaugurado pela Princesa). Muitas ruas ganharam calçamento e encanamento, praças foram ajardinadas e arborizadas, bairros novos foram surgindo. Houve um aumento das exigências populares no que diz respeito à recreação, e com a maior circulação de jornais, favoreceu o crescimento das possibilidades e entendimento da opinião pública. Os grandes vazios existentes entre a zona urbana e os demais bairros, que aos poucos se tornaram novos centros de interesse, fizeram com que o transporte público também evoluísse. Aos poucos a cidade foi ganhando novos ares (FRANCO, 1988).

No seu diário está expressa a carga cultural que tem a Princesa, uma figura pertencente à Corte brasileira, ao relatar a representação de uma realidade diferente da sua. A pequena quebra no cotidiano que ocorreu, bastou para permanecer na história da cidade de Porto Alegre e daqueles que com ela estiveram.

Com a análise dos jornais percebe-se que a Princesa Isabel, mesmo sendo a futura autoridade máxima do Império brasileiro, permanecia sendo retratada pelo discurso da imprensa com forte representação de seu gênero e das tarefas que a ele cabiam. Nessa relação de poder, na qual a imagem do Império, da política deveria estar associada à Princesa, os redatores dos jornais conseguiram demonstrar nas entre linhas o lugar ao qual uma mulher pertencia conforme os padrões patriarcais da época. Em uma sociedade masculina, as dificuldades de sua condição estavam explícitas nas páginas dos jornais carregados de pensamentos recorrentes da época. Lutar contra eles não foi uma das tarefas empreendidas pela Princesa, mas é uma árdua questão que até hoje se discute.

OS JORNAIS E A PRINCESA

Em 1885, na época da visita da Princesa Isabel, a cidade de Porto Alegre contava com cinco periódicos que possuíam uma tiragem diária (DILLENBURG, s/a, p.12). Destes cinco jornais, o *Jornal do Commercio* e *A Federação*¹ foram os dois que cobriram a visita da Família Imperial à província sulista. Além da cobertura da estada de Dona Isabel, os jornais publicavam opiniões de seus articulistas sobre os acontecimentos. Por serem de partidos oponentes, foi possível desenvolver uma comparação entre as visões, na maioria das vezes opostas, que cada jornal teve sobre a viagem da princesa ao Rio Grande do Sul.

¹ *A Federação* era editado por Júlio de Castilho, fundador do Partido Republicano em 1882. Na época da visita da Princesa Isabel, a hegemonia do partido Liberal no estado estava desgastada pelo seu imobilismo. Já o Partido Republicano possuía uma grande quantidade de adeptos, expandindo a sua influencia em praticamente todo o estado gaúcho.

Os periódicos são relatos da memória do dia-a-dia da cidade, uma memória que apresenta parcialidade, uma vez que é uma representação do real. Como destaca Roger Chartier, “As representações [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990, p.17). Os jornais, com todas as suas tendências e manipulações, relatam o cotidiano de uma época, sempre adaptando o seu discurso ao leitor que procura atingir, ou seja, criam uma representação do que aconteceu. Este discurso deve inserir-se no imaginário social presente na época para ter credibilidade, fazer sentido para as pessoas. Mas como os jornais dependem do leitor, este também é influenciado pelo discurso do jornal, “Ao mesmo tempo em que se esforça para adequar-se ao imaginário social da sociedade à qual se dirige a imprensa também contribui para criar ou modificar este imaginário” (ESPIG, 1998 p.276).

A imprensa brasileira no período Imperial, é bom lembrar, era dirigida ao escasso número de alfabetizados que existia no país. São características da imprensa nacional do século XIX “O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de idéias e a intervenção no espaço público” (LUCA, 2005, p.133). Os anúncios comerciais, uma fonte de renda do jornal, acabavam se tornando menos importantes do que os artigos que imbuíam o público ao debate.

Os jornais analisados se encaixam em uma imprensa basicamente política, como define Zicman, uma “imprensa de opinião”. Nessa imprensa, muitos artigos têm o cunho político extremado, indo além de simplesmente relatar os acontecimentos, assim “Cada jornal parecia dirigir-se prioritariamente a um tipo de público e o jornalismo era quase que um exercício literário” (ZICMAN, 1985, p.91). Nesses jornais, as opiniões expressas nos artigos escritos por articulistas demonstram, além do cunho político, também julgamentos de valores. Esses julgamentos e opiniões, obviamente, irão variar por vários motivos, inclusive pela tendência política e pelo gênero de quem escreve em cada periódico.

A cobertura jornalística presente no *Jornal do Commercio* e na *A Federação* tem diferenças desde o espaço dado em cada jornal para a visita até a linguagem utilizada nas reportagens e artigos publicados. O *Jornal do Commercio* destaca mais a presença da Família Imperial no cotidiano da cidade, passando a falar da viagem desde a chegada da Princesa Isabel em solo gaúcho, ainda na cidade de Rio Grande. N’*A Federação*, além do menor destaque dado as notícias sobre a visita serem menores, ocupava a maior parte do seu espaço com artigos criticando o motivo da viagem e principalmente a figura do consorte Conde D’Eu.

Um exemplo desta diferenciação na cobertura jornalística é demonstrado já na chegada da Família Imperial ao Cais do Porto em Porto Alegre no dia 02 de janeiro de 1885. O *Jornal do Commercio* do dia 03 de janeiro de 1885 relatou detalhadamente como foi a recepção aos viajantes, destacando a participação do povo na exaltação aos príncipes (JORNAL DO COMMERCIO, 03/01/1885). Já *A Federação* do mesmo dia relatou a recepção como um fracasso, uma vez que foram poucas pessoas que estavam

no Cais para recebê-los e também porque os príncipes não seguiram a pé até o palácio presidencial, decepcionando aqueles que lá foram vê-los (A FEDERAÇÃO, 03/01/1885). O episódio do desembarque foi escrito no diário da Princesa Isabel no dia 02 de janeiro de 1885, que comentou sobre a recepção calorosa que teve da população e da expectativa de seguir a pé até o palácio, o que, segundo ela, não lhe havia sido informado no Cais (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.71).

Também as coberturas das festas feitas para homenagear os príncipes são relatadas de três modos diferentes. As mesmas manifestações que foram organizadas pelas sociedades de imigrantes alemães e italianos, realizadas na praça em frente ao palácio do governo no dias 05 e 06 de janeiro, são descritas no *Jornal do Comércio* como um grande sucesso, com uma verdadeira multidão recepcionando os visitantes ilustres (JORNAL DO COMMERCIO, 07/01/1885). N'A *Federação*, ocorreu o relato da notícia das manifestações (bem mais sucinto), mas também há um artigo sobre o fracasso das mesmas, com poucas pessoas, praticamente nenhum entusiasmo e ainda com manifestantes dando “vivas” à república (A FEDERAÇÃO, 07/01/1885). Já em seu diário, a Princesa Isabel descreveu a impressionante quantidade de pessoas seu entusiasmo com a Monarquia, com a figura do Imperador e a linda festa organizada. Até comentou um pequeno “vivinha” à república que, segundo ela, logo foi abafado pela multidão (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.74).

Uma questão que chama a atenção em ambos os jornais é o maior destaque às visitas e aos passeios pela cidade do Conde D'Eu em detrimento da Princesa Isabel. O jornal que faz oposição ao regime monárquico, *A Federação*, expõe fortes críticas ao Conde D'Eu. Ainda no dia 03 de janeiro de 1885, este jornal publicou um artigo intitulado “Os Príncipes”, onde questionou a verdadeira intenção da viagem da Família Imperial, que, segundo o jornal, não teria êxito ao tentar convencer os gaúchos a apoiarem o Império. Também destacou a falta de simpatia com o povo e a incompetência política do Conde, como está expresso neste trecho: “Falta-lhe competência, falta-lhe aptidão, faltam-lhe as qualidades necessárias para conseguir aquilo que não tem conseguido e que não conseguirá seu augusto sogro” (A FEDERAÇÃO, 03/01/1885).

A partir do dia 07 de janeiro de 1885, *A Federação* iniciou uma série de artigos chamados “Aos Príncipes”. Nestes artigos, que teriam como tema alertar o Conde D'Eu e a Princesa Isabel de que o estado já seria republicano, as críticas ao regime monárquico são explícitas. E foi com esses artigos² que teve início uma discussão com o redator do jornal *A Reforma*, o jornalista liberal Carlos Von Koseritz, sobre a maneira hostil com que *A Federação* vinha cobrindo a visita da Família Imperial. *A Federação* escreveu:

[...] não foi descortez esta folha. Compreende-se igualmente que não é descortezia dizer que causou impressão desagradável o procedimento dos príncipes na ocasião do desembarque. Fomos, pelo contrário, de uma delicadeza extrema, fallando somente em impressão desagradável, quando é certo que este procedimento

² Artigos que a partir do dia 13 de janeiro de 1885 se chamaram “Convicções Monarchicas”,

produziu geral indignação entre os monarchicos, que a uma só voz censuraram asperamente os príncipes. (A FEDERAÇÃO, 13/01/1885)

Como se passou a recepção aos príncipes é um tema que aparece constantemente em ambos os jornais. No *Jornal do Commercio* existem cartas escritas por leitores em uma coluna chamada “Secção Livre”, na qual se fazia crítica a esta maneira hostil com que *A Federação* tratou a visita da Família Imperial. Como no dia 06 de janeiro, quando um senhor denominado “Um Velho Republicano” escreveu:

No silencio em que vivo, velho, alquebrado pelos annos e ainda mais pelas desillusões da vida, [...] me entristece ver a maneira com que um jornal desta cidade, a *Federação*, recebe a quem não tem a culpa de haver nascido herdeira de um throno. A imprensa republicana deve combater a instituição que é má [...] Deve combater o privilégio em favor de uma única família; mas não levar o seu excesso a ponto de esquecer deferencias que se devem ter para com uma senhora illustre, não só pelo seu nascimento, mas ainda pelos seus dotes do coração. O sentimento de hospitalidade, [...] deveria inspirar a essa folha um acolhimento mais digno de si e de nós. A forma desattenciosa com que ella e seu esposo foram recebidos pelo órgão republicano, não se justifica. Não é da nossa educação, da nossa índole maltratar a quem nos procura confiantes na nossa tradicional hospitalidade. (JORNAL DO COMMERCIO 06/01/1885)

O *Jornal do Commercio* e *A Federação*, além da opposição política, eram comandados e escritos por homens, e são claras as questões de gênero representadas na cobertura da visita de Princesa Isabel. Referimos ao gênero como a análise de uma categoria relacional em que se estudam as relações sociais entre homens e mulheres, não restringindo esta relação somente a questões biológicas como o sexo, mas como:

[...] construções sociais e culturais que fazem que homens e mulheres sejam educados e socializados para ocupar posições políticas e sociais distintas, normalmente cabendo aos homens as posições hierárquicas mais elevadas, enquanto às mulheres são reservadas as posições menos privilegiadas. (SILVA; SILVA, 2005, p.166)

Homens e mulheres são culturalmente diferentes. Porém, para o estudo de gênero, não se podem generalizar as ações humanas, ao estereotipar as mulheres como submissas e sem ação. Cada um tem suas particularidades, sua identidade está composta de vários aspectos e influenciada pelo seu meio e sua época. Não existe na história um sujeito universal; existem sujeitos com sexos, etnias, religiões, nacionalidades, classes sociais e tantas outras questões diferentes.

A Princesa Isabel estava inserida em uma relação conflitante entre a sua posição no espaço público, como representante política, e sua posição no ambiente privado, como mulher e mãe. O século XIX acentua a racionalidade da divisão sexual, em que cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seus lugares predeterminados. Como declara Michelle Perrot:

É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. As mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos. (PERROT, 2001, p.177)

Nesses jornais analisados (que cobriram a visita da Princesa Isabel em Porto Alegre), percebem-se as diferenciações de gênero, destacando-se as “qualidades femininas” da princesa, em contrapartida a sua pouca experiência política.

No dia 17 de janeiro de 1885, o jornal *A Federação* discutiu considerações feitas por Carlos Von Koseritz, redator do jornal *A Reforma*, quando ele demonstrou exaltar a figura da Princesa Isabel. Os redatores *d'A Federação* concordavam que a Princesa era bem educada, uma boa mãe, esposa e filha, mas que estas qualidades não a tornavam apta para reinar sobre um país (*A FEDERAÇÃO*, 17/01/1885). Depois em 06 de fevereiro de 1885, em seguida após a partida para Pelotas da Família Imperial, o artigo *d'A Federação* direcionado à Princesa Isabel tratou do assunto com ironia, ao relatar que o propósito da viagem de conquistar o povo gaúcho para apoiar a monarquia não teve sucesso:

Tempo virá que sua alteza há de convencer-se de que muitas das manifestações que recebeu aqui não foram mais do que provas de consideração devida ao seu sexo, as suas qualidades e dotes pessoais; bem como há de convencer-se de que as demonstrações de carácter político que lhe foram tributadas não tiveram uma significação duradoura, mas, sim, um valor de ocasião. (*A FEDERAÇÃO*, 06/02/1885)

Já o *Jornal do Commercio* teve uma cobertura bastante abrangente, com notícias diárias da estada da Família Imperial em Porto Alegre. Com um tom solene, exaltava a figura da Princesa, sempre associada à sua família ou ao Império Brasileiro, como no dia 03 de janeiro, quando expõe uma breve biografia da Princesa que já havia sido publicada no *Jornal Occidente*, de Portugal:

S.A.I. a princeza D. Isabel, primogenita dos imperadores do Brazil e herdeira do throno do império, é uma formosa senhora, que nasceu a 20 de julho de 1846, estando por tanto em toda a força e brilho do seu completo desenvolvimento. De esmerada educação e trato dedicado, reúne em si dotes que a tornam digna de toda

consideração. Tendo casado a 15 de outubro de 1864, com o príncipe, de quem vamos fallar, tem hoje três filhos: o príncipe D. Pedro nasceu no Rio de Janeiro a 15 de outubro de 1875; o segundo Luiz Felipe, nasceu em Petropolis a 26 de janeiro de 1878; e ultimamente uma princeza nascida em Pariz³. O seu nome acha-se coroado por uma aureola que lhe dá o seu caracter bondoso e caritativo, que é a maior gloria das princezas. (JORNAL DO COMMERCIO 03/01/1885) *****

Também o *Jornal do Commercio*, na coluna denominada “Apedidos”, abriu espaço para leitores manifestarem sua admiração à Dona Isabel, como é demonstrado neste trecho do dia 29 de janeiro de 1885, onde um senhor escreve uma crônica em favor da monarquia:

A Idolatrada Princeza Imperial D. Isabel, a neta do immortal Duque de Bragança, 1º Imperador brasileiro, a dilecta filha de nosso Augusto Monarha, e pela imprensa e povo rio-grandense aclamado o –rei cidadão, acha-se no sagrado e lendário solo [...] [da] provincia de S. Pedro do Sul, trajando custosas galas, pressurosa corre ao Paço Imperial, e onde achar, saudando a virtuosa e clementíssima princeza, homenagem rendendo-lhe. (JORNAL DO COMMERCIO, 29/01/1885)

A sua condição de mulher, mãe e herdeira do Império brasileiro também possibilitou que muitas pessoas utilizassem essa representação para fazer pedidos à Princesa Isabel. Esta oportunidade de espaço também foi disponibilizada pelo *Jornal do Commercio*, onde uma mãe utiliza a coluna “Apedidos” para solicitar ajuda em favor de seu filho preso.

[...] ante a clementissima Princeza, comparece pela presente a suplicante mãe abaixo assignada, implorando a V. A. Imperial, a rectificação do perdão de seu filho [...] Perdão, Augusta Princeza, a Nathalio Marcos, por vós, pelos infantes brasileiros vossos filhos, pela caridosa Imperatriz do brasileiro império, por S. A. I e Real Gaston de Orleans, vosso esposo; e em memória do seu Augusto avô, o fundador de um império e o libertador de dois mundos. (JORNAL DO COMERCIO, 31/01/1885)

A partir do dia 13 de janeiro de 1885, quando o marido partiu para o interior nas funções militares, até o seu retorno, as notas no jornal ficaram menores, como se a presença pública de Dona Isabel estivesse diminuída sem a companhia do esposo. Porém os relatos em seu Diário demonstram que continuou com suas visitas pela cidade e pela região, agora na companhia dos filhos. Sugere-se que, sem a presença do marido, uma mulher não exerce a mesma função pública, não tendo nem o mesmo destaque na imprensa, mesmo se tratando da princesa.

³ Ocorreu um pequeno erro na biografia da Família Imperial descrita no jornal, pois o último filho da Princesa Isabel foi um menino chamado Antônio.

IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM: REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO POR UMA PRINCESA

A Princesa Isabel, mesmo sendo herdeira do Império brasileiro, fez a viagem ao Rio Grande do Sul como companhia de seu marido, o Conde D'Eu, papel desempenhado pela maioria das mulheres viajantes que escreveram relatos sobre as suas viagens no século XIX. O diário mantido pela Princesa é como um relatório dos acontecimentos para mostrar aos seus pais.

O diário e as cartas são os gêneros literários mais populares na literatura de viagem. Para as mulheres, as cartas eram um meio de inseri-las no espaço público. Também era com as cartas que as mulheres deixavam seus maridos ou parentes informados dos acontecimentos familiares, como secretárias incumbidas de relatar o dia a dia (GONÇALVES, 2006, p.101). É bom diferenciar os diários íntimos escritos por muitas mulheres, em um primeiro momento para não ser lido por outros, dos diários utilizados na literatura de viagem. Este é como um documento intermediário entre o diário pessoal e o documento oficial, onde existe “[...] uma leitura não impessoal e rica em nuances de construção de identidade e da alteridade” (MEDEIROS; ZUBARAN, 2003, p.157).

A maioria dos relatos da literatura de viagem era escrito por estrangeiros europeus, homens, que viajavam a trabalho. As poucas mulheres que escrevem são esposas que acompanham seus maridos, havendo raras exceções de mulheres independentes. Os relatos de viagem se caracterizam por analisar o outro (observado) sob uma ótica diferenciada daquela que possuem os que estão próximos. Vêem-se detalhes despercebidos para um nativo, mas que, juntamente com a crítica do observador, são minuciosamente descritos:

A antropologia crítica tem reconhecido a extensão com que essas práticas descritivas têm atuado para normalizar uma outra sociedade, para codificar seus traços distintivos aos da sociedade do outro, o narrador, para fixar seus membros num presente atemporal em que todas as “suas” ações e reações reproduzem “seus” hábitos normais. (PRATT, 1999, p.119)

O choque de culturas cria uma rede de representações, onde existe a diferenciação para conseguir definir o observado, criar uma imagem mental daquilo que está se vendo. Uma representação que o viajante tem do que está descrevendo e a própria representação que o nativo faz de si para ser observado. Como relata Quintaneiro, os viajantes “[...] captaram aspectos de nossa sociedade que passaram despercebidos para aqueles que, desde ‘dentro’, não tinham a distância necessária para enxergá-los. Seu olhar era decididamente o do ‘outro’” (QUINTANEIRO, 1995, p.22). E, juntamente com este olhar, existe o julgamento do que é observado pelos valores culturais daquele que observa.

No Brasil oitocentista, muitos viajantes fizeram observações além dos estudos naturais, descrevendo o comércio, transporte, o povo indígena e o cotidiano das pessoas tanto nas vilas como nas cidades:

[...] as narrativas descrevem relações entre senhores e escravos, as transformações nas cidades e na economia depois da abertura comercial, emitindo juízos, nem sempre nítidos e muitas vezes preconceituosos, sobre as sociedades das regiões visitadas. (VAINFAS, 2002, p.712)

O diário da Princesa Isabel se enquadra neste gênero literário, uma vez que é um relato de sua viagem ao sul e, mesmo não sendo uma estrangeira no Rio Grande do Sul, o seu olhar se transforma uma vez que nunca havia estado nessa região do Brasil, e sua carga cultural adquirida na Corte do Rio de Janeiro choca-se com a cultura pampeana sulina. Vale lembrar que a Princesa teve uma educação com forte influência européia, uma tendência da nobreza da época. Isso é facilmente perceptível nas descrições que fez do gaúcho e das lidas campeiras de que participou como observadora.

Os acontecimentos são escritos no seu diário cronologicamente, dia a dia e suas descrições são desde paisagens a atitudes dos habitantes. A parte do seu diário que trata do Rio Grande do Sul inicia no dia 30 de dezembro de 1884, com a descrição do afastamento do litoral catarinense até as longas partes de areia do litoral gaúcho na ida ao porto de Rio Grande. Seu desembarque foi no dia seguinte, com visitas a alguns locais públicos como o Mercado e a Igreja. A partida para Porto Alegre foi no dia 01 de janeiro de 1885 e sua chegada no dia 02 do mesmo mês (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.70).

Seus apontamentos relatam as visitas aos locais públicos, como repartições, câmara municipal, assembléia, teatro, hospital, asilo, igreja, escolas, mercado, associações e lojas. Assim como também os passeios nas cidades próximas como São Leopoldo, Novo Hamburgo, Rio Pardo, Arroio dos Ratos e Guaíba.

O destaque foi dado ao que era diferente do seu cotidiano, como ao tamanho maior das frutas, aos campos abertos e aos costumes do povo da região, no caso, os gaúchos.

A representação de D. Isabel com relação à cidade e a população local, que lhe pareciam tão estranhos e diferentes em seus hábitos e costumes, aparece demonstrado em trechos do seu diário, tais como a comparação que fez sobre o clima do verão gaúcho no dia 09 de janeiro: “Dia de calor terrível, como no Rio de Janeiro neste tempo” (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.76).

A descrição de paisagens também é constante em seu diário, como no dia 07 e em um de seus passeios pela cidade de Porto Alegre, onde escreveu sobre a vista:

Com toda a menina, subimos até a Capelinha de Santo Antônio e ao redor, e tivemos uma vista esplendida sobre Porto Alegre, arredores e rios. Porto Alegre está muitíssimo bem situada, e o país é muito bonito. (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.75)

E também isso é perceptível no dia 23 de janeiro:

[...] fomos a cavalo até o alto do Morro do Cristal, lindo passeio, curto, e que vista! Todo Porto Alegre, uma imensidade de rio, os vários rios, colinas, a extensíssima planície de campos da Estância Santa Rita, a que fomos antes de ontem. (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.87)

Em seus depoimentos, a princesa relatou os fatos cotidianos daquela população com um ar analítico de estranhamento. Ela explicou um churrasco ocorrido no pátio do palácio do governo e comentou sobre o gaúcho no dia 07 de janeiro de 1885:

O Fonseca Guimarães, a meu pedido, tinha mandado assar no pátio do Palácio, por seu capataz, um churrasco com couro. Gostei muito dessa comida rio-grandense, e muito nos diverti o capataz, verdadeiro gaúcho, vestido à gaúcha, com sua botas com pêlo de lontra, bombachas, cinturão, faca de ponta e *daga*, poncho, chilenas, cavalo arreado à gaúcha, bolas e *tutti quanti*. Da *daga* serviu-se ele para cortar o churrasco e com a ponta comia ele o assado como muitos comem com a faca. A sua toalha para limpar as mãos ou a faca era a cauda do cavalo. (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.75)

Ao descrever como agia um gaúcho no preparo do churrasco, ela transmitiu uma imagem diferente de seu costume, com a precisão de detalhes e comparações necessárias como para quem quer explicar algo. Um perfeito exemplo de representação do que seria um *verdadeiro gaúcho*, segundo suas próprias palavras.

Esta não é a única passagem em que a Princesa relata os costumes do povo sulino. No dia 13 de janeiro, a Família Imperial partiu de Porto Alegre para três dias de visitas a cidades do interior do Rio Grande do Sul. Foi neste momento que a Princesa conheceu Rio Pardo, São Jerônimo e Arroio dos Ratos. Também foi nesta viagem que o Conde D'Eu partiu para realizar os exercícios militares em São Gabriel, reencontrando sua família somente em Pelotas no mês de fevereiro. Já o restante da comitiva imperial, incluindo Dona Isabel e seus filhos, retorna a capital da Província no dia 16 de janeiro.

À Princesa pareceu que lhe agradou a viagem, pois, quando fez a visita à Fazenda Pederneiras em Rio Pardo, interior do estado, participou como expectadora na marcação do gado em 14 de janeiro de 1885 e relatou que:

[...] paramos na Estância de Pederneiras do José Porto, para ver um rodeio de gado, marca de gado (este fechado numa mangueira, e os gaúchos muito pitorescos a cavalo ou a pé com seus laços para derrubarem os animais) e finalmente jantar. (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.79)

E no dia seguinte descreveu um rodeio:

À tarde, [...] montamos a cavalo e fomos pelo campo afora até o rodeio de gado vacum e cavalariagem do Anápio Porto. Os animais já estavam todos reunidos, cada espécie formando um círculo. Havia umas duas mil e tantas cabeças de gado vacum e não soube quantas de cavalos, alguns bonitos, e dois bem fogosos, de clinas compridas, que nos deram o espetáculo de uma briga onde não pouparam pulos e coices, e foi digna do pincel de um pintor. Atravessei o rodeio dos animais vacuns (é preciso ir vários cavaleiros juntos senão seria perigoso): é um mugir e movimento constante; pude assim ver muitos desses animais bonitos e gordos. Assistimos ao laçar de vários touros: o belo animal na frente e atrás, o não menos pitoresco gaúcho a cavalo armado de seu laço, que fazia girar à roda da cabeça, e lançava quando julgava oportuno; tudo isso a grande galope. Montam muito bem, aqui. Vimos também bolear e laçar cavalos e domar alguns chucros. [...] Cantaram e dançaram a tirana, em casa à noite. (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.80)

Além do relato sobre hábitos e costumes do povo gaúcho, também a Princesa pareceu impressionada com a vista que teve dos campos na Estância, pois diz: “Gostei muitíssimo desta parte do Rio Grande, digna rival dos campos do Paraná e do também magnífico campo de Santo Ângelo, perto de Mogi das Cruzes” (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.79).

Depois de seu retorno à cidade de Porto Alegre, permaneceram seus passeios e contato com a cidade e seus arredores. Na visita feita à fazenda Santa Rita, em Guaíba, em 21 de janeiro de 1885, também é possível perceber a representação no relato de Dona Isabel sobre o que estava vendo. Neste estava sem a companhia de seu marido, o Conde D'Eu que já se encontrava em Saican, no interior de São Gabriel. Nesse passeio, a Princesa e sua comitiva foram de barco até a fazenda visitada dias antes pelo conde:

O rodeio estava feito não longe do desembarque, nosso conhecido capataz do churrasco daqui do pátio do Palácio, aí estava no teatro de suas façanhas campestres, sempre com seu vestuário pitoresco e bonito, por ser muito harmonioso. Outros tinham bombachas de chita cor de rosa com galões encarnados! Laçaram, bolearam, domaram, correram como doidos, parecendo atarrachados nos cavalos, e carnearam uma vez. Fez-me horror esta última parte, creio poder bem afirmar que antes de morto completamente o pobre animal, começaram a lhe tirar a pele da cabeça! [...] É preciso dizer que tiraram perfeitamente a pele e as diferentes partes. [...] Mostraram-me o lugar de um capão, onde Gaston almoçou há dias, tendo ido ver um campo de manobras pertencente à Estância, e que é magnífico. Como o caminho era muito bom, não havia perigo de animais bravos, e os cavalos dos meninos eram muito mansos, deixei-os ir sós sem rédea falsa. O Luís ia com sua corda amarrada ao selim, como os laços dos gaúchos e ambos, via-se, estavam encantados. Atrás de nós vinham vários da Estância a cavalo, entre outros o das bombachas de chita cor de rosa, que no meio do todo desapareciam. Uns tocavam viola (os cavalos sempre andando), outros cantavam. Vistas, campos e capões muitíssimos bonitos. (D'EU IN ANTUNES, 1957, p.84)

Mesmo com seu olhar “estrangeiro” sobre o gaúcho, é bom lembrar a própria representação que o observado cria de si, ou seja, como os próprios gaúchos que estavam recepcionando a Princesa Isabel gostariam de ser vistos e relatados por ela. Não é à toa que a maioria dos atos chegam a ser extremados. Não é sempre que um gaúcho limpa suas mãos e faca, no rabo do cavalo, ou como no caso da carneação de um boi em frente da Princesa, onde todos pareciam ter consciência de que eram vistos e que seriam relatados.

A representação foi associada ao gaúcho alguns anos após a Revolução Farroupilha, quando se resgatou a figura do homem guerreiro, necessária para recuperar o prestígio, não somente dos rio-grandenses, mas também junto à Corte. Sua vocação militar, sempre foi uma “moeda de troca” com o governo. O mito da imagem do gaúcho está atrelada às lidas campeiras e a suas conquistas militares. Como ressalta Pesavento, o mito surge:

Na representação imaginária, *ex-post*, de um passado ao qual ninguém esteve presente, [...] com sua força criadora dá sentido, organiza, hierarquiza, seleciona e atribui valores de positividade para construir resposta à questão universal que todos indagam: de onde viemos? (PESAVENTO, 2002, p.245)

Mesmo distante da região do pampa do Rio Grande do Sul e das guerras, o gaúcho mantém a representação daquela figura que sempre cuidou do gado, que lutou pela sua liberdade nas revoluções e que vê o mundo montado no cavalo. Esta imagem é repassada a Princesa, que a analisou e descreveu com o distanciamento necessário para se observar, e é esta figura “mitológica” que é relatada no diário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sua viagem ao Rio Grande do Sul, a Princesa Isabel teve contato com uma cultura diferente da sua. No seu diário, o que está escrito é uma representação do que ela viu, seja a diferente paisagem ou os tipos de gaúchos encontrados em sua estada. Uma representação formada pela sua visão diferenciada do local e também uma representação criada pelos próprios observados para mostrar-se à princesa. Um exemplo de que para ela, gaúchos eram somente aqueles que estavam “vestidos” como tal, lidando com os modos campeiros. Todo o resto da população sulina com que teve contato não é definido como gaúchos e não são minuciosamente descritos.

Sua representação de um típico gaúcho está associada também ao modo como esses que estavam junto à Princesa gostariam de ser vistos e lembrados por aqueles visitantes ilustres. Por isso, a todo momento, ocorrem demonstrações como se esses atos fossem cotidianos de todos os gaúchos, e não somente daqueles que trabalham neste meio rural.

O seu diário foi escrito através de cartas, função muito comum às mulheres letradas da época. A questão de gênero aqui é perceptível quando uma pessoa, como a Princesa

Isabel, que teria grande importância no Império, tinha como uma função, além de acompanhante de seu marido, ser “secretária” de seu pai para mantê-lo informado dos acontecimentos cotidianos.

Já nos jornais analisados, as relações de gênero são mais perceptíveis. O *Jornal do Commercio* e *A Federação* demonstram em suas reportagens sobre a estada da Família Imperial em Porto Alegre pensamentos recorrentes na época sobre as funções determinadas às mulheres. Seja no pouco espaço dado nos jornais sobre a estada da Princesa quando estava na cidade sem a companhia de seu marido, o Conde D’Eu. Ou, como muito se viu, declarações onde demonstravam os bons “dotes” femininos de Dona Isabel e pouco se falava de seus “dotes” políticos como futura chefe de um país. Quando este assunto era abordado, era para ressaltar a inabilidade que as mulheres tinham para comandar, incluindo a Princesa Isabel, sugerindo-se que quem governaria em seu lugar seria seu marido, que não era muito aceito por parte da população brasileira por ser um estrangeiro.

Mesmo com tantos conflitos gerados em seu caminho, a Princesa Isabel foi uma figura histórica, mas que permanece em nossa memória sem o devido reconhecimento de sua importância. Uma mulher que detinha uma série de responsabilidades diferentes das demais, mas que mesmo assim conseguiu ser, no pouco espaço que conseguia se colocar, um diferencial para nossa história. Seu reconhecimento não ocorreu em sua época; a nós resta tentar reverter um pouco deste estigma.

REFERÊNCIAS

- A FEDERAÇÃO – 02/01/1885 a 06/02/1885.
- BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre prática e representações*. São Paulo: Difel: 1990.
- D’EU, Isabel Cristina. Diário da Princesa Isabel em visita a Porto Alegre em 1885. In: NOAL, Valter A.; FRANCO, Sergio da Costa. *Os Viajantes Olham Porto Alegre: 1754-1890*. Santa Maria, RS: Anatterra, 2004.
- D’EU, Isabel Cristina. Viagem ao Rio Grande do Sul de S. A. Imperial a Princesa Isabel, Condessa D’Eu. In: ANTUNES, Paranhos. *Anuário do Instituto Anchieta de Pesquisas*, v.1, 1957.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Quatro Publicações marcantes no jornalismo rio-grandense*. Nova Petrópolis: Amstad, s/a.
- ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. XXIV, n.02, p.269–289, 1998.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Guia Histórico: Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988.
- GONÇALVES, Andréa Lisy. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- JORNAL DO COMMERCIO – 02/01/1885 a 06/02/1885.

- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MEDEIROS, Francine Castoldi; ZUBARAN, Maria Angélica. Narrativas de Viagem da Maria Graham: representações de alteridade e produção de identidade no Brasil oitocentista. *Revista de Iniciação Científica da ULBRA*, Canoas, n.2, p.151–158, 2003.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- PESAVENTO, Sandra J. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- PESAVENTO, Sandra J. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- PRATT, Mary Lousie. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: Edusc, 1999.
- QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de Mulher: cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajantes estrangeiros do século XIX*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- SCWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. São Paulo, n.4, p.91, 1985.